



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

**TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA INDÍGENA NA  
COMUNIDADE PATAXÓ DA ALDEIA SEDE, CARMÉSIA-MG**



*Leonardo Silva dos Santos (Leonardo Pataxó)*

Belo Horizonte

2022.



**FaE**  
Faculdade de Educação

***LEONARDO SILVA DOS SANTOS (LEONARDO PATAXÓ)***

**TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA INDÍGENA NA COMUNIDADE  
PATAXÓ DA ALDEIA SEDE, CARMÉSIA-MG**



Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Matemática pela Formação Intercultural de Educadores Indígenas.  
Orientadora: Shirley Aparecida de Miranda

Belo Horizonte

2022.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado a vida e com ela ter me dado a sabedoria de sempre gostar dos estudos e nunca ter me desviado deles. Em seguida agradeço aos meus pais, meu pai Egídeo que hoje não se encontra fisicamente mais entre nós, mas tenho certeza que nunca me abandonou de outra forma, e a minha mãe Maria. Estes dois amarei para sempre pela dedicação que sempre tiveram em me educar apesar de todas as dificuldades encontradas por eles durante suas caminhadas por essa vida e por lugares onde tiveram que passar. Viva a Educação!

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo mostrar como foi a caminhada da educação e da escola em nossa Aldeia Sede da Reserva Indígena Guarani, no município de Carmésia (MG). A pesquisa tem origem na trajetória do pesquisador indígena e complementa uma lacuna em minha formação com os relatos de quatro personagens que participaram e descreveram a conquista da escola com seu espaço físico. Além do registro da memória com os relatos, a pesquisa recorreu a documentos e contou com a doação de imagens de fotos dos participantes da pesquisa para compor uma linha do tempo da escola. Esse percurso é um registro da história da escola indígena Bacumuxá.

Palavras chave: educação, escola indígena, memória

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo 1 - OS PERSONAGENS DESSA HISTÓRIA .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 2 –A ALDEIA SEDE, O TERRITÓRIO E A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 A SAÍDA DA BAHIA PARA MINAS .....</b>	<b>20</b>
<b>Capítulo 3 - A EDUCAÇÃO NA ALDEIA SEDE DESDE O PRINCÍPIO .....</b>	<b>23</b>
<b>LINHA DO TEMPO DOS DOCUMENTOS ENCONTRADOS NA SRE- GUANHÃES DURANTE A PESQUISA .....</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

Me chamo Leonardo Silva dos Santos, nasci em 12 de dezembro de 1985 na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Fui o primeiro filho de Maria Dolores Silva dos Santos, índia Pataxó, originária do sul da Bahia (Porto Seguro-BA), e de Egídeo Bispo dos Santos, este, não indígena, mas também proveniente da Bahia, mais precisamente em Nazaré-BA. Quando nasci meus pais não moravam em aldeia indígena, não moravam porque minha mãe teve que sair da aldeia e de perto de seus pais por motivos financeiros e por esse mesmo motivo saiu à procura de emprego. Já lá no Rio encontrou meu pai que também foi à procura de trabalho, onde se casaram e me deram a vida. Morei lá somente meu primeiro ano de vida, logo em seguida fomos para a Bahia, e depois para o Estado do Espírito Santo, onde moramos em vários bairros de algumas cidades, tudo fora de aldeia indígena e sempre à procura de melhores condições de vida e emprego, isto durante cerca de 12 anos. Com o passar do tempo e com dificuldades financeiras, violências dos lugares onde passamos e com as condições precárias de educação do estado do Espírito Santo, meus pais decidiram deixar eu terminar meus estudos até o Ensino Médio morando com meus avós maternos em Minas Gerais, onde a educação era melhor. Por eles serem indígenas Pataxó e morarem na aldeia indígena Pataxó, vim morar pela primeira vez na Terra Indígena Guarani em Carmésia-MG. Lá morei e estudei durante mais ou menos 5 anos até me formar no Ensino Médio em 2003, mas sempre estudando em escolas do branco, escolas não indígenas pois quando cheguei na aldeia já cursava a antiga 7ª série, e na aldeia na época só ia até a 4ª série.

Foi a partir daí que tive meus primeiros contatos com a cultura indígena, comecei a viver de fato como indígena, comecei a entender e a participar dos rituais, a me pintar e aprendi a pintar os outros também (hoje sou um dos principais que pintam os homens da aldeia), aprendi as músicas e o significado de algumas palavras no Patxohã (dialetos Pataxó), tive que também a me acostumar com a alimentação típica Pataxó, pois tem suas peculiaridades e eu já havia me acostumado com muitas coisas do homem branco. Tudo para mim era diferente, inclusive o clima, pois onde eu morava era um clima bem tropical e litorâneo, e para a aldeia onde vim morar e residir até hoje tem épocas de frio extremo, no início foi difícil de se habituar.

Outra coisa que foi difícil para mim nessa vinda da cidade para aldeia foi deixar meus pais e irmãos. Minha Família, na época de minha infância e estudos, era composta de 5 pessoas a contar comigo. Eu, minha mãe Maria Dolores Silva dos Santos, meu pai Egídeo Bispo dos Santos, meu irmão Luan Silva dos Santos e minha irmã Lária Silva dos Santos. Mas tive que superar essa fase de minha vida, pois como já mencionei, lá tinham muitas coisas negativas e meus pais enxergavam coisas melhores para mim aqui, principalmente sobre minha educação, a educação em Minas Gerais sempre foi umas das melhores a nível nacional.

Desde pequeno, meus pais fizeram questão que eu tivesse uma boa educação e nunca ficasse sem aula. Minha primeira experiência com os estudos e com os professores já foi aos 5 anos, quando fui matriculado em uma creche muito boa, onde tive uma boa preparação para entrada no primário do Ensino Fundamental. Desde a 1ª até a 6ª série (ainda era “série”), estudei em 5 escolas diferentes, em vários bairros da Cidade da Serra-ES. Foram momentos difíceis, tanto para mim e meus irmãos, quanto para meus pais, pois eram tempos difíceis financeiramente, lugares violentos e de influências ruins para crianças e jovens. Mas mesmo com todas essas dificuldades meus pais nunca deixaram a gente desistir dos estudos, e eu, particularmente sempre tive mais facilidade (e gostava) na absorção dos ensinamentos, e por isso passei por essa época de meus estudos sem muitos problemas. Quando terminei a sexta série meus pais acharam melhor eu ir terminar meus estudos em Minas Gerais, onde a educação era melhor e as condições de vida também. Então fui morar com meus avós na aldeia Sede e continuar estudando a partir da 7ª série.

Chegando na aldeia em Minas já havia escola na aldeia, porém somente até a 4ª série do Ensino Fundamental, por esse motivo fui obrigado a estudar na escola da cidade, escola essa não indígena, mas para mim não foi novidade e nem dificultoso pois eu já estava acostumado. Já na cidade de Carmésia estudei na Escola Municipal Cônego Bento, escola de 1ª a 8ª série na época. Lá eu estudei, sem problema nenhum de adaptação, da 7ª série à 8ª Série, onde me formei no Ensino Fundamental. Ainda na mesma cidade, saí dessa escola de Ensino Fundamental para ir para outra escola, agora de Ensino Médio, fui para a Escola Estadual José Vieira da Silva, onde estudei do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Nessa escola e nesses anos de Ensino Médio também estudei sem ter dificuldades ou reprovações e então me formei no fim do ano de 2003. Naquela época meu único contato com a escola indígena era quando tinha mutirões para limpeza do quintal da escola e meu tio me chamava para participar juntamente com os funcionários e alunos da escola,

reuniões culturais para tratar da organização da comunidade, rituais ou quando havia festinhas, resumindo sempre estava por perto da escola indígena, pois qualquer movimento da aldeia a escola estava e está envolvida.

Com mais ou menos 5 anos morando na aldeia, eu já me sentia adaptado e participava de tudo culturalmente, principalmente, dançava, cantava e pintava. Percebi também que nem sempre a vida na aldeia era só coisas boas. Como eu já era um adolescente, e já tinha uma certa consciência, e participava muito como ouvinte nas reuniões, percebi como era a vida de luta de um indígena e de suas lideranças, desde sempre foi assim, nada vem fácil para a comunidade, tem que ter muita luta, busca e diálogo (e nem sempre temos a oportunidade) com as autoridades da saúde e educação por exemplo, mas nunca desistimos. A luta pelo fortalecimento de nossa cultura também é uma preocupação, e ela é contínua, sempre os mais velhos passando seus ensinamentos para os mais jovens.

Na questão familiar, eu já tinha superado um pouco a falta dos meus pais e irmãos, muito por causa da casa de meus avós, lá era sempre cheio, moravam meus dois avós, 3 tios e meus incontáveis primos que nem consigo explicar se eles moravam lá ou na casa de seus pais, pois sempre estavam a maior parte do tempo lá, eu não me sentia sozinho. Na casa de meus avós além de continuar com o ritmo de estudo que meus pais faziam eu ter e meus avós complementavam também, eu aprendi a labutar com as roças e hortas, trabalhos rurais que eu nunca tive na cidade. Foi uma época boa, me fez aprender a dar valor a vida e as minhas conquistas pessoais e familiares. Quase que no fim do meu ciclo escolar no ensino médio meus pais e irmão vieram morar na aldeia também, e eu fui morar novamente com eles. Nesse tempo minha vida era, às vezes, trabalhar com meu pai na parte da manhã capinando roças para os outros e a tarde estudar na cidade. Sempre tinha ônibus para buscar e trazer a gente novamente para casa pois eram 6 km para ir e para voltar. Como eu gostava de estudar, quando ocorria de eu perder o ônibus para ir por algum motivo eu até ia a pé para escola, eu não gostava de perder aula. Novamente eu digo “Época boa”. Foi nessa época que conheci minha esposa, mãe dos meus filhos, talvez fosse até por isso também que eu não gostava de perder aula rsrs.

Como nunca tive a oportunidade de estudar em uma escola indígena na aldeia, e acabei me formando no ensino médio na cidade aqui da aldeia, meu pensamento era de continuar estudando, e como a região na época não me proporcionava nada nesse sentido tive que procurar novos horizontes. A questão financeira também sempre pesou bastante, principalmente para meus pais, pois nunca deixaram nos faltar nada, sempre que

precisava sair de casa e da aldeia a procura de trabalho, assim meus pais faziam. Foi aí então que minha mãe decidiu partir para Vitória (ES) a procura de trabalho e me levou com ela também. Eu fui tentar dar sequência a meus estudos, tentando fazer um curso técnico ou superior, e porque não trabalhar também, pois já estava beirando meus 18 anos. E lá fui eu novamente para o Espírito Santo, morar mais 1 ano lá. Logo quando cheguei, arrumei um emprego e trabalhei quase que o tempo todo, acabou não dando para estudar nesse ano, muito por falta de tempo e também por falta de dinheiro. Fiz somente alguns cursinhos profissionalizantes visando o mercado de trabalho da época, cursinhos rápidos.

No final daquele ano, o ano de 2004 se não me engano, fiz um vestibular em uma universidade particular em Governador Valadares (MG) e passei para cursar Ciência da Computação. Foi aí que mais uma vez tive que deixar minha mãe e seguir minha vida sozinho longe de meus familiares, só tive a companhia dos outros estudantes também indígenas da casa onde fui morar, isso já em 2005. O curso que fui fazer foi juntamente com vários outros estudantes não indígenas, um curso regular para qualquer pessoa, e só eu de indígena. Apesar de eu ter vale passagem, alimentação e aluguel pagos pela FUNAI, não me adaptei na Cidade, pelo curso não ser bem o que eu imaginei e eu estar longe pela primeira vez de toda minha família. Fiquei e estudei somente dois períodos deste curso naquele ano e decidi ir me embora para a aldeia novamente. Minha mãe também já havia ido embora para a aldeia e então fui morar com ela e meus irmãos de novo. Meu pai lá já não estava mais, ele tinha saído a procura de emprego e foi morar no Rio de Janeiro, para minha tristeza.

Quando voltei, não morei muito tempo com minha família. Reencontrei minha ex-namorada e reatamos novamente, foi quando tivemos nosso primeiro filho e constituímos nossa própria família. Foi aí que eu tive que procurar emprego na cidade aqui da aldeia, e um tempo depois me ingressei pela primeira vez na escola com o emprego de professor onde trabalho há aproximadamente 15 anos. Na escola tive a oportunidade e a experiência de trabalhar como professor de Jovens e Adultos, no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental como regente de turma para crianças, e no 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, com os jovens. A partir daí, acho que o tempo que não tive como estudante de escola indígena compenso me engajando como professor bastante atuante em minha escola. Já fui até Coordenador das 3 escolas das 3 aldeias desta terra indígena e acho que não passei em vão à frente das escolas. Essa minha experiência em diversas situações na educação escolar indígena de minha escola me fez enxergar a necessidade de uma forma de biografia da escola para aqueles que estão chegando assim como eu cheguei, e que não

conheçam que o pilar da aldeia que é a escola, tenham um documento para consultar e saber de sua história. E não somente aqueles que estão chegando, mas também para aqueles que estão há muito tempo aqui e mesmo assim não conhecem a história da escola.

Logo, assim que saí da coordenação da escola me inscrevi no vestibular do FIEI da UFMG. Era o que eu queria e precisava fazer. Como eu já trabalhava na área de matemática na escola e havia aberto as inscrições para o curso de matemática do FIEI, não podia perder essa oportunidade, fiz logo minha inscrição e graças a Deus passei e já comecei a estudar em 2018. Desde então curso a habilitação em matemática deixando minha aldeia 2 vezes ao ano e indo para Belo Horizonte durante 35 dias do primeiro e segundo semestre de cada ano para estudar na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além desses períodos que ficamos na universidade, também temos que complementar nossos estudos com trabalhos estudantis na aldeia, e mais um período de “intermódulo”, que é uma semana com os professores da UFMG e comunidade local num território indígena.

Não pudemos aprender mais no território UFMG e nem repassar nossos ensinamentos trazidos de nossas aldeias por causa da Pandemia da Covid-19, que começou no fim de 2019 e se estende até hoje, no ano de 2022. Infelizmente, a pandemia chegou e me atrapalhou bastante na construção deste trabalho pois não nos permitiu ter nossas aulas na faculdade, ter acesso direto às pessoas que iriam nos orientar de maneira mais clara e humana, sem precisar desses meios de comunicação digital e *on line*. Se a gente não tivesse entrado nesse período complicado o trabalho teria andado e rendido muito mais pois a gente já poderia ter ido atrás de documentos e pessoas necessárias para complementação de nosso trabalho. Na sala de aula estaríamos estudando e fazendo o nosso trabalho pelo menos pelo tempo que é obrigatório fazer. Em casa tem vários fatores que nos atrapalham e nos tira a atenção necessária para nos concentrar. Enfim, foi um longo período que nos foi tirado, período esse que perdemos um bom tempo para nos adaptar com os meios de comunicação e aulas *on line*, por mais esforço e dedicação dos professores, bolsistas e alunos, nunca será a mesma coisa caso tivéssemos nos encontrados pessoalmente. É uma pena mesmo, mas bola pra frente.

Então, hoje vivo eu e minha família, constituída ao longo de 16 anos de casamento. Família essa constituída por mim, Leonardo Silva dos Santos (37 anos), minha esposa Eliane Aparecida Ribeiro Ferreira (32 anos), meus filhos Iara Ribeiro dos Santos (16 anos) e Inaian Ribeiro dos Santos (11 anos), na Aldeia Sede, Terra Indígena Fazenda Guarani, Carmésia-MG. Trabalho na Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá e ainda

sou um estudante da Habilitação em Matemática do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Como já mencionei, estudei minha vida toda em escolas convencionais, escolas do branco, escolas não indígenas, e não tive a oportunidade e o prazer de estudar em uma escola indígena, principalmente a da minha aldeia, tudo que aprendi da minha cultura e educação indígena foi na escola da vida. Meus contatos e aprendizagens foram proporcionados pelos meus tios que me levavam pra ajudar em alguma coisa na escola, juntamente com os outros estudantes indígenas ou juntamente com a comunidade, em rituais ou reuniões. Quando de maior, algumas vezes eu também ajudava na sala de aula dele vigiando a turma, copiando algo do livro para o caderno dele ou digitando algo para ele no computador.

Depois de um período ausente da aldeia, como já expliquei o motivo, voltei para a aldeia e tive a oportunidade de me envolver mais na educação indígena, agora como professor. Comecei como professor, mas muito inexperiente mesmo, o que eu ensinava foi o que eu aprendi na escola, eu não tinha formação como professor, eu fui aprendendo durante minhas passagens por várias turmas da escola durante esses anos. Depois de alguns anos na escola, agora recente consegui me formar em Pedagogia e consegui me ingressar no curso do FIEI na habilitação em Matemática. Consegui me formar no curso de Pedagogia pois tenho uma turma de 3º ano dos anos iniciais e se deus quiser, me formarei no curso de Matemática, pois atuo como professor de Matemática dos anos finais do ensino fundamental.

Enfim, decidi fazer meu trabalho voltado para esse tema pois é como se fosse o complemento dessa lacuna de minha vida, estando complementando essa parte, e melhor ainda, poderei mostrar e descrever um pouco como foi esse processo de luta e conquista de uma educação diferenciada indígena e a construção, aos poucos, de uma escola indígena que é o alicerce, juntamente com nossos antepassados e lideranças, de nossa aldeia e território. Neste trabalho, busquei documentos e imagens que registram a evolução da escola e fiz entrevistas usando um roteiro para recolher o relato de Antônio Aragão da Silva, Alzira Aragão da Silva, Vanusa Braz da Conceição e Valmores Conceição da Silva. Com esse material descrevi como foram os passos de alguns envolvidos na educação desde o início da aldeia até chegar no momento de hoje, segundo os próprios envolvidos e de acordo com minhas experiências escolares.



*Imagem 2 – Leonardo Pataxó*

## Capítulo 1 - OS PERSONAGENS DESSA HISTÓRIA

Para ajudar a esclarecer os fatos que constam em meu trabalho nada melhor do que saber pelos próprios envolvidos durante essa caminhada da educação desde o início, e para isso entrevistei 4 personagens bastante importante dessa história de luta e conquistas, que foram os funcionários desta escola:

*Antônio Aragão da Silva (o professor apelidado de Pretinho, 55 anos);*



*Imagem 3 – Pretinho Pataxó*

O professor Pretinho teve sua trajetória escolar começada na Bahia, estudou praticamente toda sua vida lá em escolas convencionais (a escola do branco), e posteriormente estudou em uma Escola Família Agrícola em Coronel Fabriciano (MG).

Logo após foi escolhido pela comunidade da Aldeia Sede para cursar o Curso de Formação para Professores Indígenas no Parque do Rio Doce em Minas Gerais, ministrado pela UFMG, curso este que o prepararia para ser um dos primeiros professores da primeira escola indígena deste território. A partir daí, já atuando como professor passou por diversas áreas desta escola, como Uso do Território, Cultura Pataxó, Língua Pataxó (o Patxohã) e atualmente, trabalha com Ciências e Biologia. Também sempre foi e é pai de aluno desta escola.

*Alzira Aragão da Silva Souza (serviçal e professora apelidada de Nenzinha, 57 anos);*



*Imagem 4 - Nenzinha Pataxó*

A professora Nenzinha teve sua trajetória escolar construída praticamente toda na Bahia. Suas primeiras aulas foram com seu próprio pai Alcides (Tio Cidinho) e logo após continuou os estudos na escola convencional da cidade de Monte Pascoal (BA), mas não concluiu. Veio a concluir seus estudos já aqui em Minas, no ano de 2019. Desde o início desta escola da aldeia trabalhou como ASB (Auxiliar de Serviço Básico, chamada “serviçal”), fazendo até serviço voluntário, e depois de concluir os seus estudos foi promovida à professora de Educação de Jovens e Adultos e está até hoje. Também sempre foi mãe de aluno desta escola.

***Vanusa Braz da Conceição (professora, 43 anos);***



*Imagem 5 – Vanusa Pataxó*

Vanusa nasceu na Bahia, porém viveu sua vida praticamente toda aqui em Minas Gerais, e por esse motivo também estudou somente em escolas convencionais do branco, tendo seu primeiro contato com escola indígena quando foi escolhida para ser uma das primeiras professoras da primeira escola indígena deste território e atua como tal até este momento. Antes de se tornar professora, foi cursar o Curso de Formação para Professores Indígenas no Parque do Rio Doce aqui em Minas Gerais ministrado pela UFMG. Já passou por diversas turmas desta escola como Educação Infantil, 1º, 2º e 4º Ano do Ensino Fundamental, e Educação de Jovens e Adultos. Hoje atua como bibliotecária e professora do 2º ano dos anos iniciais. Também sempre foi e ainda é mãe de aluno desta escola.

*Valmores Conceição da Silva (professor, 49 anos), ex funcionário desta escola.*



*Imagem 6 – Valmores Pataxó*

Valmores nasceu e estudou na Bahia em escola convencional, não indígena. Quando veio para Minas continuou e concluiu seus estudos aqui, também em escolas do

branco. Também estudou na Escola Família Agrícola de Coronel Fabriciano (MG), antes de ser escolhido para estudar no Curso de Formação para Professores Indígenas do Parque do Rio Doce aqui em Minas, ministrado pela UFMG. Também foi escolhido na época para ser um dos primeiros professores da primeira escola indígena deste território. A partir daí teve papel relevante na trajetória da educação desta escola exercendo funções coordenador da escola, coordenador da educação indígena na UFMG, participou da Comissão Estadual da Educação por vários anos, além de ter trabalhado como professor dos anos iniciais e finais desta escola desde 97. Hoje já não atua mais como professor, mas sempre foi e ainda é pai de aluno desta escola.

Gostaria de salientar também que existem vários outros personagens (e personagens importantes que estão e que não estão mais entre nós pois já faleceram) envolvidos nesta linda história, porém decidi entrevistar estes que são uns dos pioneiros na educação desta escola e aldeia deste território.

## Capítulo 2 –A ALDEIA SEDE, O TERRITÓRIO E A EDUCAÇÃO

A Aldeia Sede é uma aldeia de 4 aldeias existentes na Terra Indígena Fazenda Guarani, localizada no município de Carmésia, na parte centro-leste, no Vale do Rio Doce de Minas Gerais. A Terra Indígena Fazenda Guarani foi homologada em 1991 e tem uma área de 3 269 hectares. Aldeia Sede tem uma população aproximadamente de 140 pessoas distribuídas em 47 famílias.



Imagem 7 – Foto aérea do território da Aldeia Sede

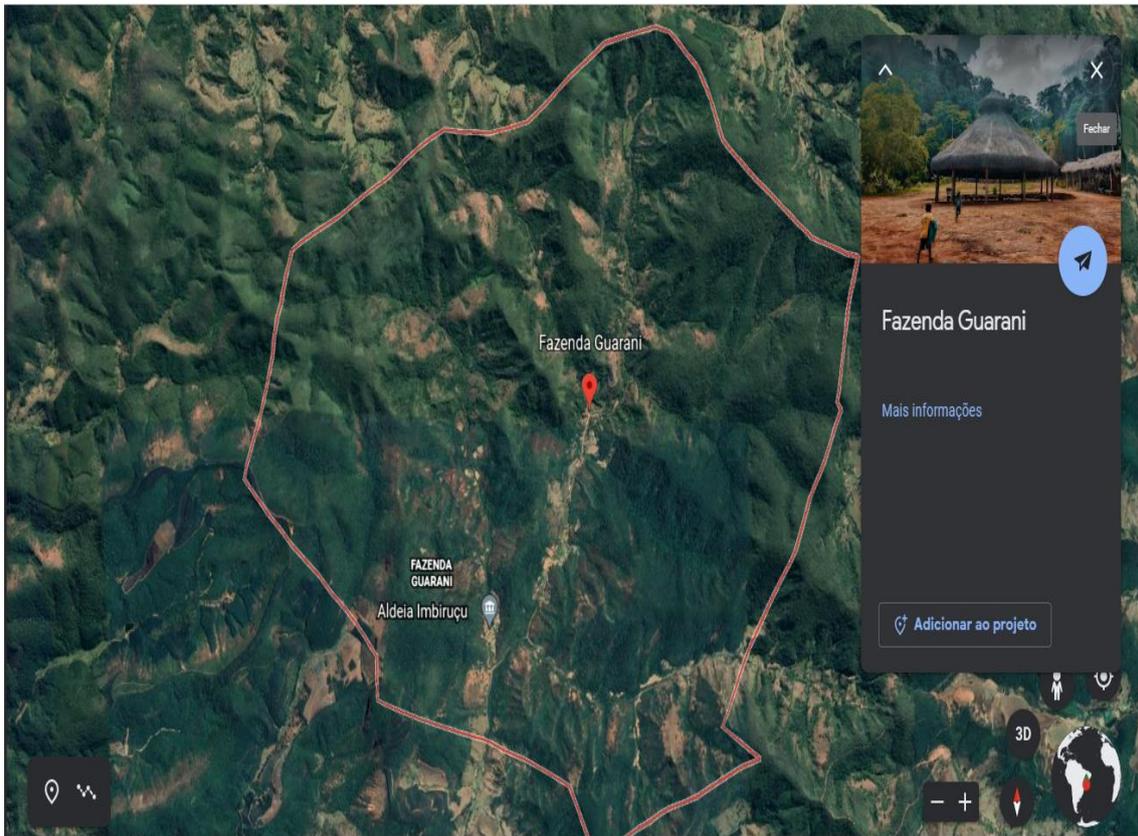


Imagem 8 – Mapa do Território da Reserva Indígena Fazenda Guarani

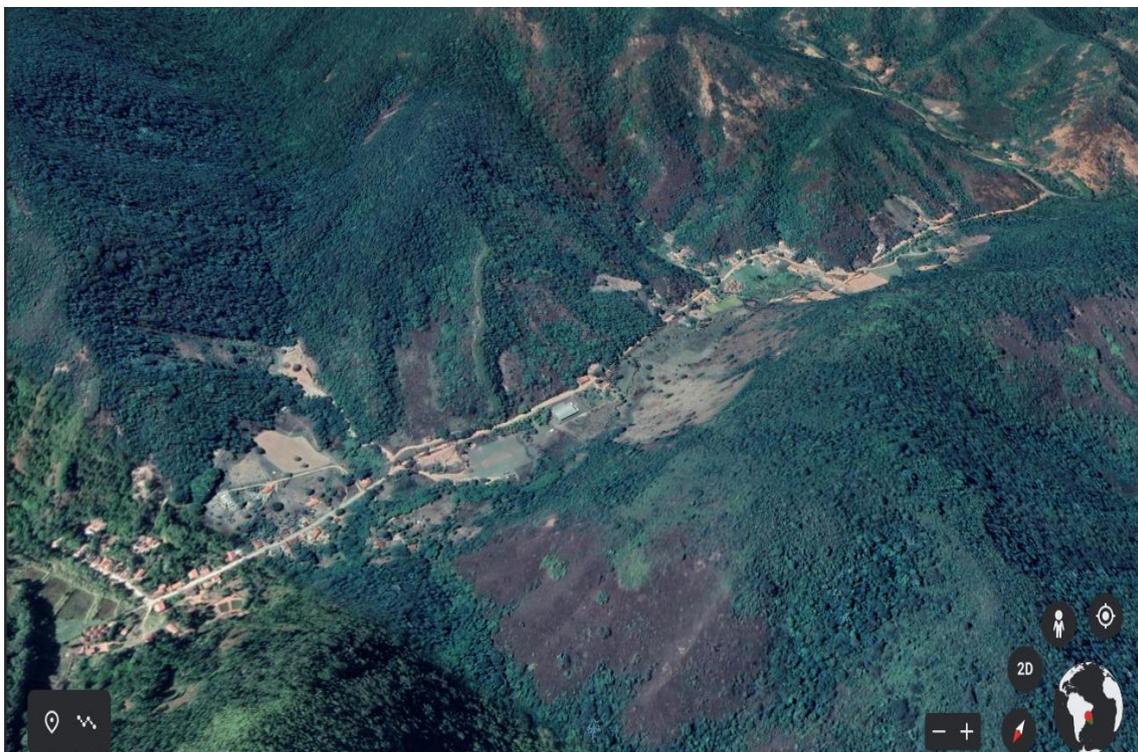


Imagem 9 – Foto das Aldeia Sede e Kanã Mihay

É um território repleto de fauna e flora bastante abundante, apesar de muitas queimadas realizadas pelo branco terem prejudicado bastante o território. A água e as nascentes também eram outras coisas que chamavam bastante atenção devido a abundância de tempos passados mas a existências de mineradoras, produtores de plantio de eucalipto e devido também a queimadas tem nos deixados bastantes preocupados pela diminuição perceptível destas nascentes e águas.

A comunidade da Aldeia Sede é regida e liderada por um Cacique e um vice cacique. A economia é basicamente mantida por servidores da educação, saúde, aposentados, pequenos agricultores e artesãos. Se cultiva bastante hortas caseiras, roças de feijão, milho, amendoim e mandioca, frutas em geral, criação de gado, porco, aves e peixes, basicamente para seus próprios consumos.

## **2.1 A SAÍDA DA BAHIA PARA MINAS**

Nós Pataxó da terra indígena Fazenda Guarani vivemos em um território de 3 269 hectares divididos em quatro aldeias (Sede, Kanã Mihay, Encontro das Águas e Imbiruçu). Em julho de 1975, Thywndayba, esposa e filhos foram os primeiros Pataxó a se instalarem aqui na Aldeia Sede, deixando a Bahia por invasão e perdas de suas terras, intensificadas ainda mais em decorrência ao massacre do “Fogo de 1951”. Sendo o regime nacional a ditadura militar (1964-1985), funcionava aqui um presídio de índios de várias etnias do Brasil, e viviam sob tutela da Funai, mais de cem indígenas das seguintes etnias: Pataxó, Guarani, Tupiniquim, Krenak, Xerente, Fulni-ô e outros. Após a chegada de Thywndayba, outras famílias como a de Urubaiá foram se estabelecendo. A partir de 1980 nossos líderes foram a Brasília, em busca de emanciparem este território. Em 1991 no governo de Fernando Collor de Melo, foi garantido a homologação de nosso território, o que passou a se chamar Terra Indígena Fazenda Guarani.

*“Na época existiam muitos conflitos e além dos conflitos foram reduzidos muito os territórios devido a chegada também dos madeireiros, muitas serrarias pro município, então tudo isso causou muitos impactos dentro do território Pataxó e o pessoal acabou se dispersando e foi um dos motivos da gente também estar se deslocando da Bahia para Minas Gerais.” (Antônio)*

Decreto nº 270, de 29 de outubro de 1991

Homologa a demarcação administrativa da Reserva Indígena Fazenda Guarani, no Estado de Minas Gerais.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto nos arts. 19, § 1º, 26, parágrafo único, alínea "a" e 27, da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973,

DECRETA:

Art. 1º Fica homologada, para os efeitos do art. 231 da Constituição Federal, a demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI da Reserva Indígena Fazenda Guarani, localizada nos Municípios de Carmésia, Dorcas de Guanhães e Senhora do Porto, Estado de Minas Gerais, caracterizada como área reservada, com superfície de 3.269,7126 ha. (três mil, duzentos e sessenta e nove hectares, setenta e um ares e vinte e seis centiares) e perímetro de 24.495,98 m (vinte e quatro mil, quatrocentos e noventa e cinco metros e noventa e oito centímetros).

Art. 2º A Reserva Indígena de que trata este Decreto tem a seguinte delimitação: NORTE: Partindo do Marco 09 de coordenadas geográficas aproximadas 19°01'28,1"S e 43°09'05,9"Wgr., segue por uma vala até o Marco 10 de coordenadas geográficas aproximadas 19°01'00,3"S e 43°08'13,4"Wgr.; daí, pela referida vala com uma distância de 9.425,16 metros, até o Marco 01 de coordenadas geográficas aproximadas 19°01'46,9"S e 43°05'09,9"Wgr., localizado na margem direita de uma estrada que liga a cidade de Guanhães a Carmésia. LESTE: Do marco antes descrito, segue por uma linha reta com azimute e distância de 190°01'57,9" e 712,99 metros, até o Marco 02 de coordenadas geográficas aproximadas 19°02'09,8"S e 43°05'13,9"Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 144°19'11,7" e 70,47 metros, até a Estaca 02 de coordenadas geográficas aproximadas 19°02'11,7"S e 43°05'12,4"Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 172°01'08,7" e 27,14 metros, até a Estaca 03 de coordenadas geográficas aproximadas 19°02'12,5"S e 43°05'12,3"Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 207°17'13,5" e 1.313,72 metros, até o Marco 03 de coordenadas geográficas aproximadas 19°02'50,7"S e 43°05'32,4"Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 210°13'39,1" e 1.776,23 metros, até o Marco 04 de coordenadas geográficas aproximadas 19°03'40,9"S e 43°06'02,5"Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância de 119°48'44,0" e 519,95 metros, até o Marco 05 de coordenadas geográficas aproximadas 19°03'49,2"S e 43°05'46,9"Wgr. SUL: Do marco antes descrito, segue por uma linha reta com azimute e distância de 248°09'14,1" e 2.220,39 metros, até a Estaca 11 de coordenadas geográficas 19°04'16,8"S e 43°06'57,2"Wgr., localizado em um espigão de serra; daí, segue pelo referido espigão passando pelo Marco 06 de coordenadas geográficas aproximadas 19°03'57,6"S e 43°07'08,0"Wgr., com uma distância de 5.561,31 metros, até a Estaca 20 de coordenadas geográficas aproximadas 19°03'33,1"S e 43°08'30,9"Wgr. OESTE: Do ponto antes descrito, segue por uma vala passando pelos Marcos 07 de coordenadas geográficas aproximadas 19°03'21,1"S e 43°08'31,0"Wgr. e Marco 08 de coordenadas geográficas aproximadas 19°02'31,5"S e 43°09'26,9"Wgr., com uma distância de 5.089,00 metros, até o Marco 09, início da descrição deste perímetro.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de outubro de 1991; 170ª da Independência e 103ª da República.

FERNANDO COLLOR  
Jarbas Passarinho



*Imagem 11 – Foto do Casarão da época da Fazenda e também utilizado como prisão na época da Ditadura*



*Imagem 12 – Prisão utilizada na época da Ditadura, em um cômodo do casarão*

### Capítulo 3 - A EDUCAÇÃO NA ALDEIA SEDE DESDE O PRINCÍPIO

Na Bahia, algumas das pessoas que vieram para Minas moravam nas aldeias, mais precisamente em Barra Velha e seus arredores, e outras moravam fora da aldeia, nos municípios de Itamaraju, Itabela e cidades vizinhas. Desde sempre a vida foi muito difícil, em especial para os indígenas, e isso se refletia mais forte na hora de escolarizar as crianças indígenas. Alguns estudaram nas aldeias e outros fora, porém houve também aqueles que não tiveram a oportunidade de ter uma educação escolar, os poucos que tiveram as vezes eram ensinados pelos seus próprios pais. O relato de Alzira conta sobre essas dificuldades:

*Isso, eu estudava lá em Monte Pascoal, estudei da primeira até a quarta série lá em Monte Pascoal, mas os primeiros anos que eu estudei foi com pai. Pai que era meu professor, ensinava a gente na roça, porque a gente não morava na cidade na época. Até meus 13 anos eu estudei com pai, aí quando eu vim pra cidade eu já tava bem adiantada, dei uma passada nos estudos mas aí eu fui logo transferida pra sala da segunda série e eu continuei e parei na quarta série lá na Bahia... Pra mim era normal pois eu era uma aluna muito adiantada nos estudos pelo um bocado que eu aprendi com pai lá na Bahia, pois o estudo com pai foi um aprendizado muito grande, nós tinha, nós estudamos abc, cartilha. Os estudo lá na Bahia pra gente, que pai dava os estudos pra gente, ele furava uma folha de banana e ia colocando em cima das letras pra gente ir conhecendo o alfabeto. A gente aprendeu assim, ele colocando na folha da banana, ele furava um buraco na folha da banana e ia saltando as letras pra nós pra gente adivinhar qual letra era, se a gente tinha o conhecimento mesmo, e aí foi aonde a gente aprendeu o alfabeto. Quando eu vim pra cidade eu já sabia ler. Eu tinha 13 anos, mas foi, a primeira sala de aula que eu vim enfrentar eu já tinha 13 anos. (Alzira)*

As condições financeiras, sociais, falta de acesso à serviço de saúde e problemas de violências, como descrito anteriormente, também dificultaram bastante na continuidade da vida nos territórios baianos para alguns indígenas que ali viviam. Por esses motivos alguns decidiram vir tentar uma sorte melhor para suas vidas aqui em Minas Gerais. Mas não pensem que quando aqui chegaram e se instalaram as coisas foram fáceis, tudo muito diferente, território, clima, alimentação, costumes e outras coisas mais também dificultaram na adaptação de quem aqui chegou na época. Para se manterem aqui

sem passar fome e frio, que foi uns dos aspectos que mais interferiram, tiveram que lutar muito trabalhando para si e para os outros, para tirarem os seus sustentos como relata Alzira, umas das primeiras a vir para a Fazenda Guarani:

*Quando nós viemos praqui, em 1989, nós chegamos aqui no dia 4 de fevereiro, eu e minha família. Porque primeiro veio pai pra cá e depois devido à dificuldade que a gente tinha lá, e eu fiquei muito doente também, não tinha como comprar remédio fazer tratamento. Aí foi aonde a gente teve essa oportunidade de tá vindo pra cá, pai foi buscar a gente. E nós viemos pra cá é devido à dificuldade tanto de emprego, como tratamento de saúde, então foi por isso que a gente veio pra cá... Pra nós era difícil porque nós chegamos aqui, nós não tínhamos esse recurso que nós temos hoje. Era todo mundo aqui, praticamente desempregado, só tinham os funcionários da Funai, que eram Gonzaga, Ednaldo e Domingo Cachimbo, Paulo chefe e João Jacinto. Eram esses funcionários que tinham, ninguém mais. Quem tinha salário era quem era aposentado, quem era aposentado tinha. Mas nós não tínhamos nada. Então Zeca ficava trabalhando a diária pros outros pra poder a gente sobreviver. Era muito difícil pois não tinha mandioca pra agente fazer a farinha, ninguém quase não vendia farinha na cidade. Era farinha de milho que a gente comprava, aqueles farelos de farinha, feito uma farofa, aqui de Minas mesmo. Foi muito difícil, tanto pra gente pegar o ritmo daqui, da comida daqui, como não tinha dinheiro pra comprar. Porque as vezes, pai trabalhava muito, colocava os filhos todos pra trabalhar na roça, naquela palhada grande lá em cima, em tio Vavá, e em outras palhadas. Mas quando o milho já ia começando embonecar, já ia em Carmésia e vendia tudo pra comprar o alimento. E então foi uma vida muito sofrida. Zeca, ele trabalhava a diária pros outros pra poder conseguir ganhar alguma coisa de tarde pra janta, porque não tinha. A gente comia hoje, mas amanhã às vezes a gente passava o dia sem comer, não tinha o que comer. Então, foi muito difícil. (Alzira)*

Com todas essas dificuldades mencionadas era de se esperar que o início dos trabalhos na educação não fosse diferente. Muito menos uma forma de escolarização diferenciada, não tinha nada a esse respeito. A primeira escola era em um prédio velho disponibilizado pela Funai, os professores eram do município e eles vinham dar aula na aldeia, tudo com suas matérias convencionais e nenhum espaço para os conteúdos culturais. Até as mobílias eram velhas que a FUNAI doava. Só em 96 foi a primeira reunião para a criação da escola indígena na aldeia e aí em 97 iniciaram-se os trabalhos

com os professores indígenas dentro da escola. Mas durante esse período a luta e reivindicações foram muito grandes. Valmorez relembra essas dificuldades:

*Era muito precário. Na época, o mobiliário, se não me falha a memória, ainda era da FUNAI. Um material muito velho, aquelas cadeiras antigas, bem antigas mesmo. O mobiliário, pra você ter uma ideia, as cadeiras eram aquelas cadeiras que a gente sentava em dupla, entendeu? Elas tinham um caixotão e assim encaixava o material por baixo. A cadeira tinha um bancão, tipo aqueles bancos de praça. Então já era um material muito antigo e acredito que era fornecido pela FUNAI de anos e anos e anos. A Funai era muito caprichosa e tinha muito dinheiro e todos eles tinham escrito lá “patrimônio da FUNAI”. Material escolar era a FUNAI também que dava. A gente recebia muito material, muito caderno brochurão na época.*

A primeira batalha foi a aceitação dos conteúdos tradicionais indígenas pelos professores, e mesmo quando foi aceito, esses professores que lecionariam estes conteúdos não eram remunerados como as demais matérias, uma espécie de desvalorização tanto do conteúdo tradicional como de seus professores. A escola só era para as crianças de 1ª a 4ª série e para Educação de Jovens e Adultos, as crianças e jovens dos anos finais do Ensino Fundamental tinham que ir estudar na escola da cidade, na escola convencional, e para piorar tinham que ir a pé ou de bicicleta, quem tinha, pois não havia condução. Nessa escola municipal ministrada pelos professores da cidade para o indígena não havia nem material didático direito e muito menos material escolar para os alunos, e seus pais ainda não tinham condições financeiras de custear isso, mais um obstáculo a ser superado pelos indígenas na época.

*“Não, apesar de que muitos tinham que sair mesmo para cidade pra estudar, não tinham muitas dificuldades não. Acho um problema maior dos alunos indígenas era estar fugindo da realidade porque não se discutiam a realidade dos povos indígenas dentro das escolas convencionais então esse era um grande problema.” (Antônio)*

Na época também não havia funcionários responsáveis pela limpeza e higiene do ambiente escolar, o que perdurou por muito tempo essa situação, dependendo da boa vontade e conscientização de algumas mulheres da comunidade. Por um bom tempo algumas mulheres fizeram esse trabalho de forma voluntária, sem receber remuneração nenhuma. Tudo isso por entre as décadas de 80 e 90. A merenda escolar era mantida pela Funai. A quantidade de alunos os entrevistados não souberam dizer pois já faz muito

tempo isso, mas é certo que no início não eram muitos pois eram poucas famílias que haviam migrado para cá.



*Imagem 15 – Foto dos primeiros professores Pretinho, Sarah, Valmore e Arivaldo*



*Imagem 16 – Foto de reunião da comunidade na escola velha*



*Imagem 17 – Reunião com a comunidade na escola velha*

Em paralelo com esse trabalho feito pela prefeitura municipal e Funai havia também um trabalho feito cultural de revitalização da língua, cantos e danças feito por algumas pessoas em especial o “Kanatyo”. Este trabalho, porém, era feito em outro prédio mais antigo, uma casa da época da antiga fazenda. Trabalho este sem nenhuma ligação com a primeira escola. Posteriormente surgiriam outras pessoas que trabalhariam esta questão cultural, mas já como professor da escola.



*Imagem 18 – Aula de cultura, aprendizagem do artesanato na escola velha*



*Imagem 19 – Aula de artesanato na escola velha*



*Imagem 20 – Aula sobre artesanato*



*Imagem 21 – Peixe assado na folha da Patioba – aula sobre comidas típicas*



*Imagem 22 – Aula sobre artesanato*

Com todas essas dificuldades, e com a necessidade de fazer um trabalho mais diversificado e diferenciado, focando também e de uma forma mais específica para a cultura, tentando sair desse modelo convencional de escola dos brancos, começou-se a se pensar, a se debater internamente, e posteriormente a buscar juntamente com os órgãos competentes, por uma escola de fato indígena e diferenciada, mas não por uma escola convencional para o indígena, e sim uma escola do índio para o índio, para se trabalhar tanto os conteúdos básicos como de qualquer escola, mas principalmente os conteúdos tradicionais indígenas que precisavam ser fortalecidos, ensinados e repassados de geração para geração. Com isso as lideranças dos povos indígenas aqui de Minas Gerais, das etnias do Pataxó, Maxacali, Krenak e Xacriabá, começaram a se reunir, discutir e buscar parceiros que pudessem ajudá-los nesse processo de luta para conseguir a tão sonhada escola indígena diferenciada. Como esperado e como sempre foi, não foram dias fáceis, foram muitas reuniões, tanto em Minas, mais precisamente em Belo Horizonte, quanto em Brasília também. As lideranças que podemos destacar na época foram o Senhor Manoel, Cacique da Aldeia Sede, Bayara, Bastião, Puhuy e Kanatyo.



*Imagem 23 – Cacique Manoel*

*Essa luta vinha dos mais velhos, eles sempre buscavam ensinar as músicas para os alunos nas rodas de canto, contavam histórias e faziam o awê. Na época não tinha energia [elétrica], então também era um momento de distração. Aí, com o tempo, eles viram que tinham necessidade, foram tendo a oportunidade de pôr os alunos na escola não convencional. Vinham os professores pela FUNAI, que ensinavam alguns, mas não eram todos que iam. Pegavam os alunos na faixa etária de 8 anos, o primeiro ano que estudava era de 8 anos, aí vinham, eram 3 professores que vinham, mas ficava aquela demanda né, os alunos iam, não iam. E a partir das noites culturais as lideranças foram conversando e viram que tinham a necessidade de tá correndo atrás, de buscar uma educação que viesse a atender a demanda do povo. E como as lideranças viajavam muito reuniam em Belo Horizonte, Brasília, eles vinham conversando um com o outro, eles acharam pessoas que davam suporte para eles para buscar essa educação diferenciada. Então foi a partir daí em 1995, que começou mesmo a luta pela educação diferenciada. Eles iam em Brasília, iam em Belo Horizonte, reuniam com essa turma, vinham para a comunidade e discutiam, e quando foi em novembro de 95 eles tiveram uma definição mesmo que tinha sido aprovado o primeiro curso de formação de professores que foi com a parceria da FUNAI, IEF, secretaria de Educação. Aí juntou esses órgãos para escolher as pessoas para tá indo, vieram trazer as informações na época para as comunidades foram a Márcia Spyer, Arlene da FUNAI, e uns outros professores que não lembro os nomes mais, mas quem vestiu mesmo a camisa na época foram esses, Márcia Spyer, o Cleber foi professor, quem orientou as lideranças na época foram esses. (Vanusa)*

*Porque a questão da educação indígena, isso foi uma luta das lideranças para conseguir a escola diferenciada nas comunidades indígenas, então, como tinha os direitos garantidos pela constituição de 1988, então até 1991, mais ou menos, não existia ainda as escolas indígenas. Em 1981 as lideranças já brigavam em Brasília pelo direito de ter uma educação diferenciada dentro das comunidades indígenas, porque antes todos os alunos frequentavam escolas convencionais, então como era essa questão das escolas convencionais o povo continuava perdendo a cultura. Então, baseado nessa questão da perda da cultura que as escolas convencionais não ensinava nada da realidade dos povos indígenas, em modo geral, além dos Pataxó e outros foi que trouxe, que levou esse pessoal a brigar por essas por essas escolas que hoje existem nas comunidades indígenas. (Antônio)*

*Então, eu só tive noção de tudo isso assim relacionado a educação a partir do momento que eu vim aqui para essa aldeia nossa aqui. Desde então a gente já viu alguns trabalhos sendo realizados, trabalhos paralelos, a gente não tinha nem noção de onde poderia chegar, aonde a gente poderia alcançar. Mas já existia também a escola que era administrada pela FUNAI, aonde a parte da merenda era a Funai que mantinha, os professores eram da prefeitura e os alunos eram da aldeia mesmo, da aldeia Sede onde funcionava a escola. Paralelo a esse trabalho da escola na qual tô citando, havia um trabalho que o Kanatyó já fazia também que era um trabalho mais voltado para língua, aonde tinha um pequeno vocabulário de palavras faladas pelos antigos Pataxó, pelos mais velhos e ele já fazia esse trabalho voltado para a alfabetização na língua, onde o intuito maior era aprender fazer músicas, produção de música, os cânticos Pataxó e fazer com que as pessoas pudessem ter conhecimento e que essas mesmas pudessem também tá colocando em prática essas poucas palavras desses vocabulário que ele tinha guardado num caderninho, me lembro disso perfeitamente. (Valmores)*

Durante essa busca por essa escola indígena, houve a criação do primeiro curso de formação para professores indígenas em 1995, ministrado no Parque Estadual do Rio Doce. Em dezembro daquele mesmo ano aconteceu a primeira reunião de planejamento para iniciação do curso, que se iniciou de fato em janeiro de 1996. O curso era ministrado por alguns professores da UFMG, mas dentre eles se destaca a professora Márcia Spyer que era a coordenadora do curso.

A comunidade sempre que decidia em reunião comunitária quem ia exercer um papel de responsabilidade dentro da aldeia, e no caso de ir fazer o curso de Magistério não foi diferente. O papel de professor sempre foi um dos mais importantes nesse processo comunitário, então foram feitas algumas reuniões para analisar o perfil de cada candidato e decidir quem iria de fato estudar e se tornar um professor dentro da aldeia. Antônio, Alzira, Valmores e Vanusa foram uns dos professores pioneiros na escola dentre outros também escolhidos naquela época, e continuam até hoje, com exceção de Valmores que no momento não exerce a profissão de professor.

Com a formação em curso, o governador Eduardo Azeredo, em 1997 decidiu contratar pela primeira vez todos os professores indígenas de todas as etnias que estavam fazendo o curso, inclusive criou até um decreto que abria uma exceção para contratar os indígenas menores de 18 anos que precisavam dar aula em suas respectivas aldeias. Todos

passaram de ser candidatos a professores para já serem professores remunerados pelo Estado. A partir desse momento já se começou o processo de criação e regularização das primeiras escolas indígenas do estado de Minas Gerais, mas como escola estadual pois a escola era municipal na época. O processo foi até rápido pois a comunidade tinha uma relação muito boa com a prefeitura, o que facilitou bastante nesse processo. Inclusive a prefeitura sempre deu um suporte muito bom nessa luta nossa e não dificultou na mudança. Foi quando a escola deixou de ser municipal e passou a ser estadual, passando a se chamar “*Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá*”. Inclusive a nossa escola foi a primeira escola indígena regularizada do estado de Minas Gerais devido à esse bom relacionamento com o governo municipal na época. As demais escolas dos outros povos indígenas vieram logo em seguida.

Esse nome “Bacumuxá” foi escolhido pois tem um enorme significado para nós Pataxó, desde tempos passados pois é uma palavra em Patxohã (dialeto Pataxó) que significa “Jequitibá”, que é uma árvore de grande copa onde os mais velhos ensinavam seus ensinamentos para os mais jovens sentados ali em baixo, fazendo com que essa árvore fosse como uma escola.



Imagem 24 – Nome da escola: Bacumuxá

Junto com essa formação dos professores, contratação, transição e criação da escola indígena, veio também a necessidade do espaço físico da escola, pois já havia um prédio antigo já velho e pequeno para a nova escola, então se passou então a se pensar

num modelo de escola com um espaço físico também diferenciado, fugindo desse modelo convencional de casa escola, e se planejando uma espaço físico com a cara da comunidade, foi quando começou a construção da nova escola com formato totalmente diferenciado e típico indígena, um projeto inovador.

*E só veio mobiliário depois que passou para o Estado. Então, aí que veio mobiliário novo, porque a nossa escola foi uma escola toda desenhada para nossa realidade arquitetura conforme o que a gente queria. (Antônio)*



*Imagem 25 – Foto lateral da escola e do casarão. Formato hexagonal das salas da escola, lembrando os antigos Kijemes Pataxó*

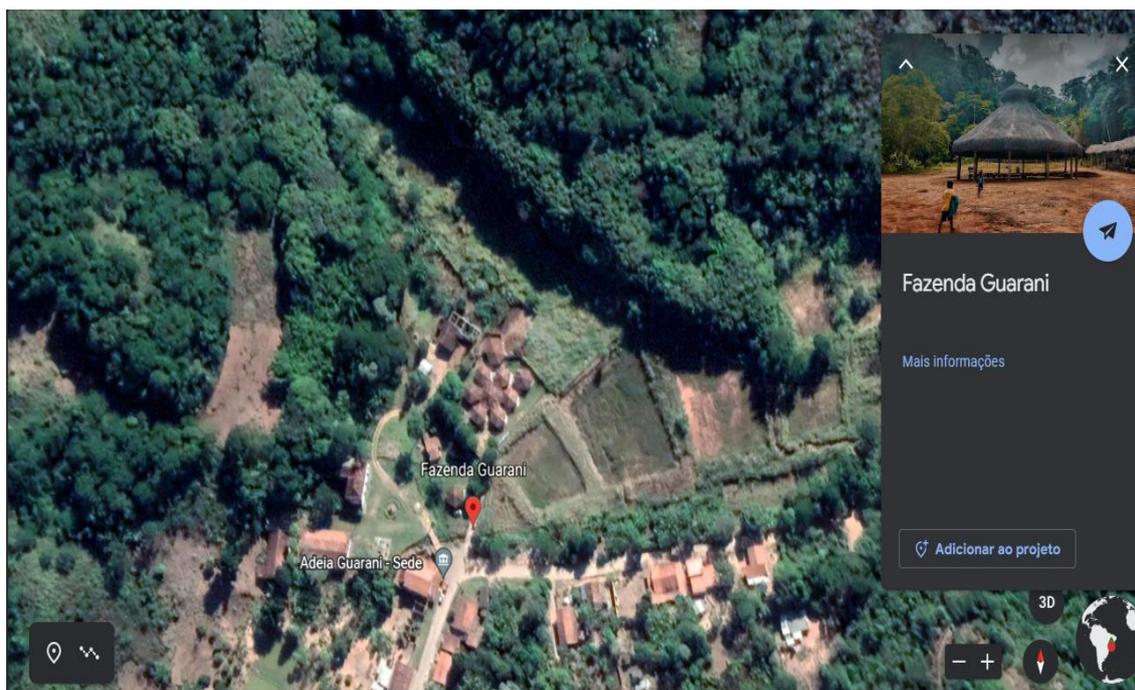


Imagem 26 – Foto aérea da escola

*Assim que começou essa transição começou também o pensamento da construção das escolas, que aí o Estado tinha um padrão de escola que era chamado padrão para as escolas rurais, só que não era nosso caso. Nosso caso era um caso bem específico e a gente, apesar da gente ser uma escola rural, mas a gente tinha outros hábitos, tinha outros costumes que a gente precisava adaptar essa escola a nossa realidade. Aí surgiu essa possibilidade da gente tá desenhando a nossa própria escola conforme nosso jeito de viver, nosso jeito de viver a vida... foi aí que se pensou naquela escola feito por módulos onde cada módulo de sala representaria as casas de cada membro da comunidade e aquela parte central aonde seria o nosso terreiro de reunião e união do grupo pra cantos e danças e decisões tomadas pela comunidade para comunidade também. Então foi pensado dessa maneira e aonde se liga aquilo ali significa os elos de ligação entre comunidade e todas as decisões tomadas no centro. Então aquela escola tem toda uma simbologia, todo um pensamento. Foi tudo pensado antes de se construir. Então, assim, os móveis pra você ter ideia, todos os móveis tudo bonitinho, foi tudo planejado, foi tudo discutido tim-tim por tim-tim, desde as construções dos vidros das janelas aos móveis. Então, assim, aquele centro ali quando colocou aquelas mesas, bancos, aquelas coisas, tudo bonitinhas, tudo encaixadinho, encaixar um no outro e não fez nada fixo exatamente para facilitar todo esse pensamento inicial que você poderia reunir as criança ali para se alimentarem naquele centro. Todo mundo junto e você*

*poderia reunir toda a comunidade ali, afastando tirando cada módulo daquele, afastando para lugar adequado para que todos se reunissem ali para que se pudesse cantar, dançar, brincar se divertir e se reunido também nas tomadas de decisões comunitárias. Então foi tudo planejado detalhadamente. (Valmores)*



Imagem 27 – Escola nova recém construída

Em 1997 começou-se com o supletivo de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série, posteriormente, o novo prédio da escola foi entregue, e se começou a ter as aulas da 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental na época. Mas só no ano de 2000 foi inaugurada de fato, contando aliás, com a visita do secretário de educação na época, o Murilo Hingel, isso já no Governo de Itamar Franco.



Imagem 28 – Placa de inauguração da escola



Imagem 29 – Dia da inauguração da escola com presença de autoridades do governo do município e do estado

Com o passar dos anos, com a conclusão dos alunos da 4ª série, e com o receio de perder nossos alunos para o município e perder todo o trabalho cultural novamente, surgiu a necessidade de extensão das turmas e dos ciclos de ensino. Então as lideranças e professores que estavam mais em frente dessas discussões e lutas passaram a reivindicar essas novas turmas. Nesse meio tempo criou-se a educação infantil no ano de 2000, e a partir de 2002 foram sendo criadas as outras turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, e isso foi acontecendo lento e gradativamente durante todos esses anos.

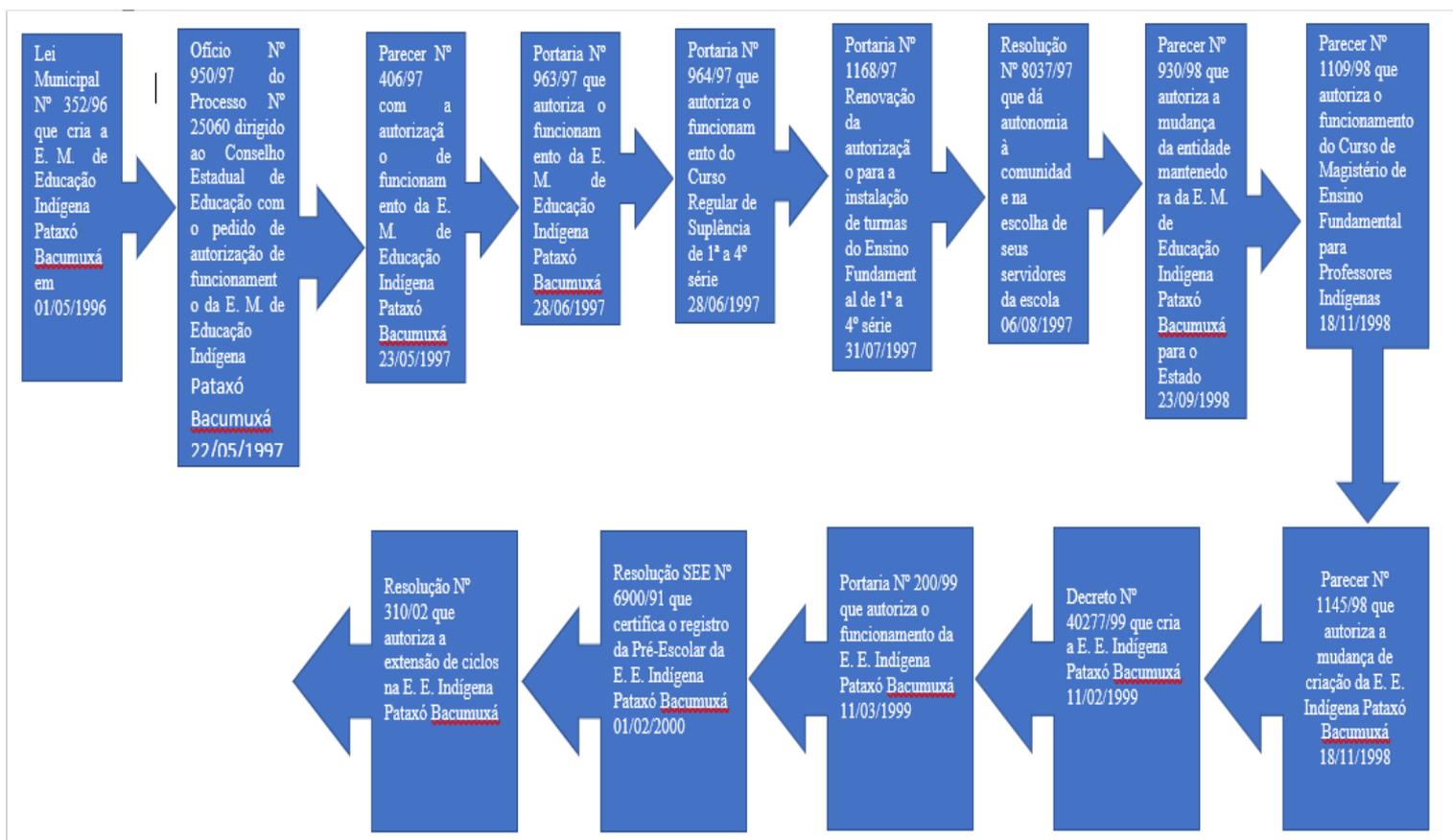
Primeiro complementou-se com a 5ª série, depois o a 6ª, e posteriormente mudou-se a nomenclatura de séries para anos de escolaridade, e seguiu-se expandindo os anos de escolaridade da escola.

*Então a gente começou nessa época trabalhando com os anos iniciais e fomos até o quarto ano, quarta série na época, e aí gradativamente, com o passar dos anos, as necessidades dos meninos concluindo o 4º ano a gente precisava da 5ª série. E para não tirar esses meninos de quinta série para mandar para cidade, para manter e a ideia... Interessante dizer também que na comunidade foi criado esse pensamento de criar a extensão não foi simplesmente por criar a extensão, foi para fortalecer a cultura. Porque não adiantaria nada, a conclusão que nós chegamos, não adiantaria nada nós trabalhar nossas crianças até o quarto ano e a partir daí eles começavam a criar esse vínculo. Esse menino saía para a cidade aí começava a criar um outro vínculo na cidade e perder suas raízes cá, isso era muito fácil acontecer. Então, a tecla que nós batemos era a seguinte, para continuar fortalecendo nosso trabalho, continuar fortalecendo nossas raízes, continuar fortalecendo a nossa cultura, a gente precisava de manter esses alunos aqui. A ideia foi essa. Então com esse argumento é que a gente conseguiu extensão quinta, sexta, sétima, oitava gradativamente, não era simplesmente aumentar por aumentar para dar emprego não. (Valmores)*

Depois dos anos iniciais e finais terem sido criados veio a necessidade gradativa e sucessivamente de criar o ensino médio, já que quem se formava no ensino fundamental tinha que ir estudar na cidade. Este passo também foi muito dificultoso pois a secretaria de estado não queria ceder de jeito nenhum. Mas nós, juntamente com as lideranças sabíamos de nossos direitos e não desistimos até conseguir. Juntamente com o ensino médio veio também o projeto do aluno em tempo integral na escola, estudando de manhã e a tarde, e também as extensões de turmas do EJA. Hoje a nossa escola tem as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, EJA's Anos Iniciais e Finais, Ensino Médio e Educação em Tempo Integral.

Devo mencionar também que hoje temos diversos alunos formados em nossa escola que hoje também estão formados em diversos cursos superiores e se tornaram médicos, biólogos e entre outros.

## LINHA DO TEMPO DOS DOCUMENTOS ENCONTRADOS NA SRE- GUANHÃES DURANTE A PESQUISA:



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo esse processo de luta, de ensinamentos e aprendizagens, sejam elas de qualquer forma, foram um processo muito doloroso, gradativo e lento. Porém se torna prazeroso, principalmente para nós enquanto aluno, educador e pai, pois todo dia a gente aprende, aprende com os acertos, aprende com os erros, e vamos nos complementando através da vida, sempre aprendendo coisas novas. É gratificante saber que muitos ensinam sem sequer querer nada em troca, como nossos antepassados sempre fizeram. Saber que faziam isso na esperança de não deixar nossa história e costumes morrer, e muitos até morreram para deixar viver toda nossa tradição (infelizmente morreram nessa batalha diária). Também é gratificante ver nossos alunos seguindo suas vidas e continuando seus

estudos com sucesso. A escola não tem que ser seu espaço físico, é tudo que a gente vive, aprende e passa adiante. Esse é o papel da escola, ensinar de qualquer maneira e forma, ensinar, ensinar, ensinar, educar.